

Universidade Estadual do Norte do Paraná

Repositório Institucional UENP

<https://repositorio.uenp.edu.br>

Programa de Pós-Graduação em Ensino

Produtos educacionais

2020

Sequência de leitura de crônicas literárias: de protótipo de leitura a sequências de atividades

Branco, Osnir

Universidade Estadual do Norte do Paraná

<https://repositorio.uenp.edu.br/handle/123456789/721>

Baixado de Repositório Institucional UENP



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE
DO PARANÁ**

Campus Cornélio Procópio

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ENSINO**

MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO

OSNIR BRANCO

PRODUÇÃO TÉCNICA EDUCACIONAL

**SEQUÊNCIA DE LEITURA DE CRÔNICAS LITERÁRIAS: DE
PROTÓTIPO DE LEITURA A SEQUÊNCIAS DE ATIVIDADES**

OSNIR BRANCO

PRODUÇÃO TÉCNICA EDUCACIONAL

SEQUÊNCIA DE LEITURA DE CRÔNICAS LITERÁRIAS: DE PROTÓTIPO DE LEITURA A SEQUÊNCIAS DE ATIVIDADES

Produção Técnica Educacional
apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Ensino da Universidade
Estadual do Norte do Paraná – *Campus*
Cornélio Procópio, como requisito parcial à
obtenção do título de Mestre em Ensino.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Merlin
Deganutti de Barros.

CORNÉLIO PROCÓPIO – PR
2020

BB816s Branco, Osnir

SEQUÊNCIA DE LEITURA DE CRÔNICAS LITERÁRIAS: DE
PROTÓTIPO DE LEITURA A SEQUÊNCIAS DE ATIVIDADES /
Osnir Branco; orientador Eliana Merlin Deganutti de Barros - Cornélio
Procópio, 2020.

45 p. :il.

Produção Técnica Educacional (Mestrado
Profissional em Ensino) - Universidade Estadual do
Norte do Paraná, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-
Graduação em Ensino, 2020.

1. Leitura. 2. Ensino da leitura. 3. Protótipo de Leitura. 4. Crônica Literária. 5.
Sequência de
Atividades de Leitura. I. Barros, Eliana Merlin Deganutti de, orient. II. Título.ee

LISTA DE QUADROS

<u>Quadro 1: Perguntas norteadoras: fase da pré-leitura</u>	12
<u>Quadro 2: Perguntas norteadoras: fase da leitura</u>	10
<u>Quadro 3: Perguntas norteadoras: fase da pós-leitura</u>	11
<u>Quadro 4: Sinopse do encontro I: a crônica pela crônica</u>	16
<u>Quadro 5: Sinopse do Encontro II: A introspecção na crônica – textualidades e representações</u>	20
<u>Quadro 6: Sinopse do encontro III: O humor e a crítica social na crônica</u>	23
<u>Quadro 7: Sinopse do encontro IV: as formas de ler e reflexão da crônica</u>	25

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Protótipo de leitura	11
Figura 2: Self Made Man, de Bobbie Carlyle	17
Figura 3: Decálogo da crônica	19

SUMÁRIO

<u>PALAVRAS INICIAIS AO PROFESSOR</u>	5
<u>A PROTOTIPAGEM NO ENSINO DA LEITURA</u>	5
<u>Afinal, que é Protótipo de Ensino?</u>	6
<u>PROTÓTIPO DE LEITURA</u>	8
<u>CONCEPÇÃO E ESTRATÉGIAS DE LEITURA DESTA PROPOSTA DE ENSINO</u>	12
<u>CRÔNICA, O QUE É?</u>	13
<u>SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DESTA PROPOSTA</u>	15
<u>REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA LEITURA APRESENTADO NESTA PROPOSTA</u>	28
<u>REFERÊNCIAS</u>	30
<u>APÊNDICES</u>	31
<u>APÊNDICE A – A crônica pela crônica</u>	31
<u>APÊNDICE B – Questionário: A introspecção na crônica – textualidades e representações</u>	33
<u>APÊNDICE C – Questionário: o humor e a crítica social na crônica</u>	35
<u>APÊNDICE D - As formas de ler e a reflexão na crônica</u>	36
<u>ANEXOS</u>	37
<u>ANEXO 1: Letra de “O samba não pode morrer”</u>	37
<u>ANEXO 2: Texto “Exercício da crônica”, de Vinicius de Moraes</u>	38
<u>ANEXO 3: Texto “O frívolo cronista”, de Carlos Drummond de Andrade</u>	39
<u>ANEXO 4: Texto “O milagre das folhas”, de Clarice Lispector</u>	40
<u>ANEXO 5: Texto “Inferno Nacional”, de Sérgio Porto</u>	41
<u>ANEXO 6: “Eu sei, mas não devia”, de Marina Colasanti</u>	42

PALAVRAS INICIAIS AO PROFESSOR

PROFESSOR@, venha bater um papo conosco!



PROFESSOR@, este material é o produto resultante de uma pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Ensino – PPGEN – da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), *Campus* de Cornélio Procópio. O objetivo é apresentar dois produtos: um *protótipo de leitura* criado pela nossa pesquisa; e uma *sequência de leitura de crônicas* elaborada a partir do protótipo.

O *protótipo de leitura* foi criado como uma base metodológica para o ensino da leitura em contextos didáticos diversos, desde a Educação Básica até o Ensino Superior, a partir da abordagem de prototipagem do ensino proposta por Rojo (2017), e tendo como pilar teórico os *níveis de leitura* de Martins (2006) e as *etapas de leitura* de Menegassi (2005).

Na nossa pesquisa, este protótipo serviu como uma estrutura vazada que deu suporte à elaboração e desenvolvimento de uma *sequência de atividades de leitura* organizada em torno do gênero “crônica literária”, implementada em um primeiro ano de um curso de Licenciatura em Letras de uma universidade estadual do Paraná.

Primeiramente, apresentamos o protótipo de leitura criado por nós, inspirado no conceito de protótipo de ensino de Rojo (2017), seguido de três quadros de perguntas norteadoras para o ensino da leitura, bem como uma síntese de como esse se organiza e dos princípios teóricos e metodológicos que o norteiam.

Logo em seguida, apresentamos uma sinopse da *sequência de leitura de crônicas literárias*, organizada em *encontros de leitura*, nos quais se deram a mediação de leitura e a realização das atividades subsequentes. Trazemos as atividades elaboradas e os possíveis desdobramentos e dificuldades que podem

ser observados na implementação. Apresentamos possibilidades de abordagens de outros textos que não os utilizados nesta proposta para demonstrar as possibilidades de adequação e readequação de atividades de leitura em relação ao nível ou etapa de escolaridade que se pretende mediar leitura. Também inserimos *hiperlinks* para acesso aos textos de apoio e possibilidades de flexibilização das atividades de cada encontro, levando em consideração o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).

Com isso, trazemos para você, PROFESSOR@, uma sequência de atividades de leitura já implementada e validada em um contexto determinado (1º ano do curso de Letras); no entanto, ela pode ser implementada em outros contextos. Por exemplo, se você, PROFESSOR@, atua em algum Centro de Educação Infantil (CEI) pode utilizar nossa sequência para trabalhar com leituras sensoriais, pois, nos primeiros anos de vida da criança, a leitura é predominantemente sensorial.

PROFESSOR@, apesar de o gênero textual *crônica literária* ter sido escolhido para a construção da sequência, ela pode ser adaptada a outros gêneros, tradicionais ou multimodais. Ou seja, nossa pesquisa não se esgota em um contexto, mas pode ser adaptada a vários contextos de acordo com as necessidades de desenvolvimento de leitura de cada público leitor.

Cabe ainda ressaltar que os níveis a serem priorizados (sensorial, emocional, racional e reflexivo) dependem do contexto de implementação. Em nosso trabalho, por estarmos diante de uma turma de ensino superior priorizamos o racional e o reflexivo por conta da nossa expectativa de resposta desses leitores.

A PROTOTIPAGEM NO ENSINO DA LEITURA

PROFESSOR@, você já ouviu falar em **protótipo de ensino**? Tem ideia de para que serve e como funciona? Se a resposta para essas duas perguntas for **não**, venha com a gente descobrir um pouco mais sobre essa ferramenta!



Afinal, que é Protótipo de Ensino?

Tendo em vista que a nossa proposta para o ensino da leitura foi inspirada na **prototipagem**, apresentamos essa concepção metodológica de ensino, que foi desenvolvida para a **Pedagogia dos Multiletramentos** (ROJO, 2012). A prototipagem abrange as concepções de texto e de ensino mais atuais, em que texto deixa de ser somente a materialidade linguística e passa a contemplar quaisquer recursos que possam emitir sentidos.

MULTILETRAMENTOS

Na perspectiva dos multiletramentos, o ato de ler envolve articular diferentes modalidades de linguagem além da escrita, como a imagem (estática e em movimento), a fala e a música. Nesse sentido, refletindo as mudanças sociais e tecnológicas atuais, ampliam-se e diversificam-se não só as maneiras de disponibilizar e compartilhar informações e conhecimentos, mas também de lê-los e produzi-los. O desenvolvimento de linguagens híbridas envolve, dessa forma, desafios para os leitores e para os agentes que trabalham com a língua escrita, entre eles, a escola e os professores (ROJO, 2013, s/p).

Tendo em vista que a concepção de texto é ampliada devido às novas formas de vida, estamos diante também de um novo cenário de ensino, pois a escola obriga-se a desenvolver seu papel humano e social, em que cada contexto social deve ser levado em consideração de forma que respeite as múltiplas culturas.

OS TEXTOS NOS MULTILETRAMENTOS

[...] são interativos; mais que isso, colaborativos; (b) eles fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, em especial as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos [verbais ou não]); (c) eles são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas). (ROJO, 2012, p. 23).

Assim, as escolas, nessa perspectiva, devem apresentar projetos de ensino que levem em consideração o desenvolvimento de dada realidade tanto em âmbito social quanto cultural e possibilitar a expansão e a reflexão sobre ela, bem como não desconsiderar a particularidade de cada aluno envolvido nesse processo de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, buscamos conscientizar os professores com relação aos procedimentos pedagógicos que adotam em seu fazer docente e torná-los mais autônomos para com a realização de atividades de leitura, uma vez que se tratando de uma concepção e ensino em que o “multi-” é trazido à tona vale fortalecer que as singularidades são levadas em conta e tanto professores como alunos adquirem ainda mais liberdade com relação a aquisição e validação de conhecimentos, aproximando-os do objeto de conhecimento e como participantes na construção de significados e validação desse.

Note que ao falarmos de **multiletramentos** estamos nos referindo a uma nova realidade do ensino, a uma nova postura discente e docente dentro das escolas, uma postura que demanda autonomia e colaboração na construção do conhecimento. Dessa forma, surgem os **protótipos de ensino**.

SOBRE PROTÓTIPOS DE ENSINO

[...] espécies de sequências didáticas para os multiletramentos e novos letramentos, mas com uma arquitetura vazada e não preenchidas completamente com atividades planejadas previamente pelo autor, sem conhecer o contexto de ensino. São sempre acompanhadas de tutoriais com explicações sobre os princípios de funcionamento de ferramentas e textos em gêneros digitais, para que sirvam como elementos catalisadores do processo de autoria docente e discente **(por isso, protótipos)**. (ROJO, 2017, p.209)

Assim, estamos diante de um projeto de ensino elaborado previamente com base em princípios teóricos e metodológicos de um campo da ciência sem o conhecimento do contexto de implementação. Por isso, a necessidade de se criar uma estrutura vazada está na possibilidade de adaptar, readaptar, organizar e reorganizar determinado projeto de acordo com as demandas do contexto de implementação.

POR EXEMPLO

O objetivo do professor é trabalhar com leitura multimodal e desenvolver nos alunos percepção para aspectos “não verbais escritos” como geradores de sentidos.

Em uma determinada turma esse professor poderá trabalhar com imagens, em outra com sons, em outra com movimento, e até mesmo com todos os aspectos em todas as turmas, mas a especificidade de cada contexto lhe exigirá maior ou menor atenção em dado conteúdo.

A proposta da prototipagem fundamenta-se na construção de um plano de trabalho que determina conteúdos e objetivos para determinadas situações de ensino. Embora a prototipagem apresente possibilidades de realização, essas não são estanques e podem ser alteradas pelo professor conforme a sua necessidade.

PROTÓTIPO: FERRAMENTA DESDOBRÁVEL

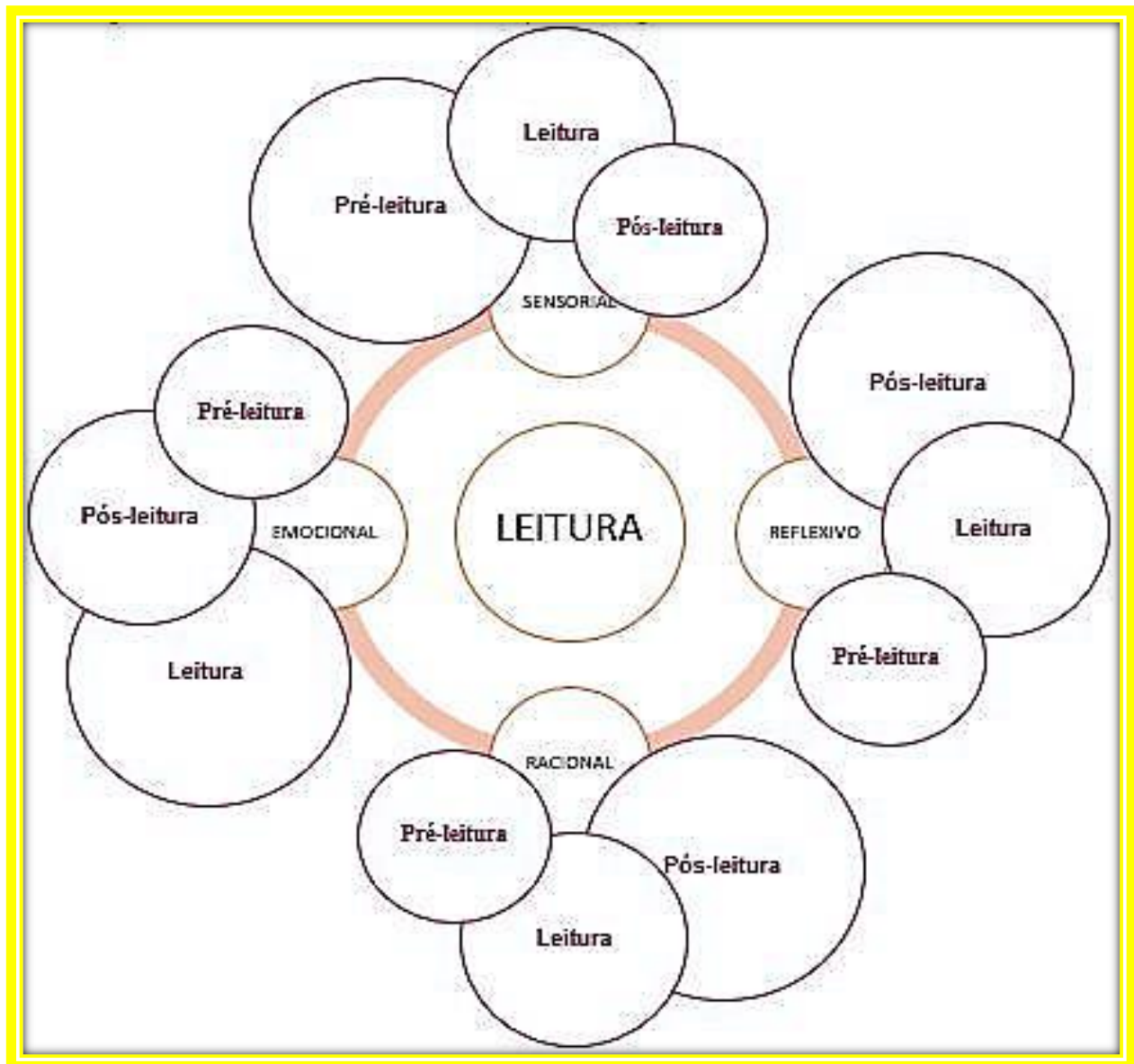
[As] propostas de ensino deveriam visar aos letramentos múltiplos, ou aos multiletramentos, e deveriam abranger atividades de leitura crítica, análise e produção de textos multissemióticos em enfoque multicultural. (ROJO, 2012, p. 8).

Com base na proposta de Rojo (2017), criamos nosso **protótipo de leitura**: uma sistematização para o ensino da leitura que se orienta pelos **níveis de leitura** (MARTINS, 2006) e **fases de leitura** (MENEGASSI, 2005).

PROTÓTIPO DE LEITURA

Na prototipagem a seguir (Figura 1), a leitura é um processo envolto pelos níveis sensorial, emocional e racional (MARTINS, 2006) e nível reflexivo, acrescido por este autor. Todos os níveis se fazem presentes em todas as etapas de leitura, quais sejam: *pré-leitura*, *leitura* e *pós-leitura* (SOLÉ, 1998; MENEGASSI, 2005). Os níveis não se desassociam, também não há hierarquia entre eles.

Figura 1 Protótipo de leitura



Fonte: o autor (2020).

Para sistematizar o protótipo de leitura, elaboramos quadros que relacionam as etapas e os níveis de leitura, trazendo perguntas que orientam o trabalho docente na formação de leitores.

Quadro 1- Perguntas norteadoras: fase da pré-leitura

Fases da Leitura	Níveis de Leitura			
	Sensorial	Emocional	Racional	Reflexivo
Pré-Leitura	<p>Quais aspectos visuais, auditivos, sonoros ou táteis me motivam a ler? (Cores da capa e imagens, fonte dos títulos, ambientes barulhentos, silenciosos, organizados etc.).</p>	<p>O que o texto, levando em consideração seu contexto de produção e recepção, representa emocionalmente para mim? (Ativa a memória de algum momento vivido; trata-se de indicação de alguém; vem ao encontro de anseios subjetivos – amor, espiritualidade etc.?)</p>	<p>Quais as possíveis hipóteses sobre a leitura posso levantar com base em meus conhecimentos, ao observar aspectos não verbais, paralinguísticos e/ou extralinguísticos? É possível antecipar os propósitos comunicativos do texto? (Título, subtítulo, orelha e contracapa de livro, autor, sumário, tamanho e cores das letras, layout, textura do material etc.)</p>	<p>Por que eu consigo mobilizar sensações, emoções e levantar hipóteses sobre a leitura sem ler o texto na sua integridade? (Reconhecer como leitor já construído pelas vivências políticas, sociais, culturais, religiosas etc.)?</p>

Fonte: o autor (2020).

Quadro 2 - Perguntas norteadoras: fase da leitura

Fases da Leitura	Níveis de Leitura			
	Sensorial	Emocional	Racional	Reflexivo
Leitura	Como os aspectos visuais, auditivos, sonoros ou táteis estão contribuindo para a construção dos sentidos do texto?	Quais emoções emergem na leitura e influenciam na sua construção de sentidos do texto? (medo, tristeza, alegria, risos, indignações, espanto etc.)	As hipóteses levantadas na pré-leitura se confirmaram? Consigo, agora, identificar os propósitos do texto? Seu gênero textual / literário? Quais as estratégias uso para relacionar os elementos paratextuais ao texto? Como articulo o conteúdo temático com suas vivências? Quais as dúvidas / limitações apresento como leitor desse texto? Como resolvo minhas dificuldades de leitura? Com relação aos aspectos linguístico-discursivos, reconheço a importância do uso da pontuação, organizações sintáticas, estrutura etc.? Com relação a outras linguagens, como os movimentos, discursos e sons se articulam para a produção de um sentido? Quais inferências precisei fazer durante a leitura?	Diante da leitura eu me identifico com acontecimentos, personagens, consigo projetar mentalmente lugares e ambientações etc.? Compreendo por que sou capaz de abstrair esses sentidos na leitura? Quais os fatores textuais, e pessoais me levaram a tal significação?

Fonte: o autor (2020).

Dessa forma, construímos nosso protótipo com base na sistematização dos níveis de leitura (MARTINS, 2006), em articulação com as fases de pré-leitura, leitura e pós-leitura de Solé (1998), enfatizando as possibilidades de abordagem para cada fase, desde o momento em que entramos em contato com o texto até as reflexões que nos tornam insistentes mesmo ao encerrar a leitura, conforme demonstra o Quadro 03.

Quadro 3 - Perguntas norteadoras: fase da pós-leitura

Fases da Leitura	Níveis de Leitura			
	Sensorial	Emocional	Racional	Reflexivo
Pós-leitura	Quais as sensações / percepções foram despertadas pela / durante a leitura? (vento, chuva, barulho do trem, recursos estilísticos como aliteração, assonância, repetição etc.; em se tratando de textos multimodais ou das mídias podemos contar com outros elementos?	Ativei minhas emoções ao ler ao me colocar no lugar dos outros implicados no texto? Como essas emoções influenciaram a minha construção de sentidos?	O título estabeleceu uma relação com o conteúdo? E a capa? E as imagens etc.? OS aspectos linguísticos devem ser retomados para que o leitor compreenda a importância dos tipos textuais – descrever, narrar, expor, argumentar – e gêneros de texto? Com relação ao vocabulário é acessível? Quais os discursos que podem ser observados no texto? Consegui estabelecer relações intertextuais?	Como esse texto pode ser útil para a construção do “eu”? Quais minhas novas visões de mundo e do “outro” após a leitura? Como eu acredito que essa leitura pode interferir nas minhas relações interpessoais e pessoais? Quais sentimentos e emoções eu pude perceber alterados com essa leitura?

Fonte: o autor (2020).

O próximo passo foi, a partir do protótipo criado, elaborar uma sequência de leitura para a crônica literária que visasse desenvolver capacidades leitoras nos diferentes níveis. No entanto, por se tratar de um contexto de ensino superior, os níveis racional e reflexivo prevaleceram, pois buscamos uma compreensão mais crítica e consciente possível nas leituras realizadas.

CONCEPÇÃO E ESTRATÉGIAS DE LEITURA DESTA PROPOSTA DE ENSINO

PROFESSOR@, que você entende por Leitura?



PROFESSOR@: neste trabalho, partimos de uma concepção ampla de leitura fundamentada nos estudos de Martins (2006), em que a leitura ultrapassa a materialidade verbal. Dessa forma, nossa concepção de texto está também apresentada de forma bastante abrangente. Entendemos por texto qualquer produção que emita sentidos/ significados e que seja passível de leituras (apreciações/ depreciações) por aquele que as vê, degusta, ouve, tateia, sente.

LEITURA

[...] um aprendizado mais natural do que se costuma pensar, mas tão exigente e complexo como a própria vida. Fragmentado e, ao mesmo tempo, constante como nossas experiências de confronto com nós mesmos e com o mundo (MARTINS, 2006, p. 11-12).

[...] um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem (MARTINS, 2006, p. 30).

No entanto, ao trazermos uma proposta para o ensino da leitura em sala de aula, procuramos compreender as *exigências e complexidades* que a prática de leitura demanda, e qual seria nosso papel como docentes na formação de leitores.

Num primeiro momento, compreendemos a leitura como uma ação natural, relacionada às capacidades humanas naturais e, em seguida, como algo que pode ser desenvolvido e aprimorado. Nesse contexto, a função do professor é possibilitar e contribuir para que as capacidades leitoras sejam cada vez mais aprimoradas, desencadeando no aluno-leitor autonomia e consciência crítica para a recepção dos textos.

Há autores diversos que estudam e propõem estratégias para o ensino da Leitura. No entanto, selecionamos para construção do Protótipo de Leitura (Figura 1) os preceitos de Martins (2006) e Menegassi (2005) já apresentados anteriormente e para a consolidação da proposta, buscamos apoio em, Kleiman (2013) estabelecendo objetivos e estratégias de leitura para cada fase e nível que viessem ao encontro de nossos objetivos conforme demonstramos nas sinopses dos encontros de leitura (Quadros 4, 5, 6 e 7).

Primeiramente, note que dividimos os encontros de acordo com o interesse de leitura e aprofundamento nas discussões tanto referentes ao gênero com o qual trabalhamos (crônica literária), como em relação aos conteúdos abordados, pois selecionamos uma variedade de abordagens temáticas – que vão desde a metalinguagem até discussões filosóficas existenciais.

Dessa forma, durante os encontros de leitura, buscamos abordar e discutir a complexidade da crônica literária em seus aspectos forma e conteúdo.

CRÔNICA, O QUE É?

PROFESSOR@, que você entende por crônica?



PROFESSOR@: aqui trazemos para você uma noção do que consideramos como crônica e algumas classificações feitas por estudiosos da Literatura e do jornalismo, mas não temos a pretensão de fixar barreiras para o gênero tão menos classificá-lo de forma estanque, pois estamos falando de um texto da esfera literária e cada um carrega em si um bocado de originalidade, autenticidade e criatividade.

Crônica é um gênero textual que foi adaptado às transformações culturais da sociedade, sobrevivendo ao tempo, o qual, por sua vez, remete à ideia de “crônica”, pois esse termo carrega em sua etnografia a expressão grega *chronikós*, que significa “tempo”.

ETNOGRAFIA DA CRÔNICA

Do grego *chronikós*, relativo a tempo (*chrónos*), pelo latim *chronica*, o vocábulo “crônica” designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, em sequência cronológica. Situada entre os anais e a história, limitava-se a registrar os eventos sem aprofundar-lhes as causas ou tentar interpretá-los. Em tal acepção, a crônica atingiu o ápice depois do século XII, graças a Froissart, na França, Geoffrey of

Monmouth, na Inglaterra, Fernão Lopes, em Portugal, Alfinso X, na Espanha, quando se aproximou estreitamente da historiografia, não sem ostentar traços de ficção literária. A partir da Renascença, o termo 'crônica' cedeu vez a 'história', finalizando, por conseguinte, o seu milenar sincretismo. (MOISÉS, 2003, p. 101).

Em seu primórdio, a crônica estava obrigada a grandes feitos e à linearidade de tempo em suas narrativas, o que hoje já não é acontece. Hodiernamente, as crônicas não servem somente para retratar grandes feitos, mas retratam também acontecimentos banais que passam despercebidos intencionalmente ou até mesmo pela força do hábito, fatos que deixamos de ver no mundo.

Esses eventos podem ser pequenos ou grandes, de significância para muitos ou para somente alguns ou até mesmo um. Se antes, embora com certo grau de ficcionalidade mantinha compromisso com a verdade, hoje não mais acontece: pode ser muito ficcionalizada ou pouco e não deixa de ser crônica, por isso, não há mais “compromisso com a verdade”.

A crônica também passa a circular em vários meios de circulação e propagação, ainda mais depois do advento da tecnologia e frequente avanço dos meios de informação e comunicação. A crônica saiu do jornal para o livro, do livro e do jornal para o mundo virtual e circula plena em ambas as esferas, conquistando uma gama de leitores. A crônica discorre desde uma mera observação cotidiana feita pelo momento de devaneio do escritor até sobre uma indignação letal com a humanidade.

Neste trabalho, embora apresentemos um panorama geral da crônica, nos interessa mais a **crônica literária**, aquela que ganhou status de literária pelo trabalho com a materialidade linguística, ou seja, composição de um texto que ultrapassa as limitações de um texto comum e é consagrado como arte, um texto no qual se pode observar desde dicção poética ao tom irônico e satírico; que aborda temáticas do “eu” tão particulares e únicas de um ser, como também de um grupo ou até mesmo da humanidade como um todo. A crônica pode oscilar mais para a esfera jornalística ou mais para a literária (GOTTARDI, 2007). Quando literária, ela pode se aproximar da poesia, mostrando um caráter lírico, ou do conto, narrando algo (GOTTARDI, 2007).

Rematando nossa apresentação, cabe ressaltar que a crônica adquiriu nova roupagem em terras brasileiras e, inclusive, deu início à história do país: a “Carta de Pero Vaz de Caminha” ao descobrir novas terras para o imperador já traz bastante dessa aclimatação, um texto que narra a descoberta de forma muito lírica e ficcionalizada, que causa conflitos se literária ou não pela grandiosidade do trabalho estético com a linguagem. Sendo assim, já iniciamos com um gênero que tende à arte, ao trabalho com a linguagem, com um enfoque pessoal sobre as descobertas da vida.

A crônica não tem barreiras estanques. É muito confundida com o conto pela sua extensão ou mesmo linguagem se foca nos acontecimentos que surgem da observação de coisas físicas ou metafísicas, emparelhando-se com muitos outros textos que podem ser pinturas, esculturas, músicas, romances, história, notícia jornalística ou até mesmo com a própria crônica.

SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DESTA PROPOSTA

PROFESSOR@, vamos conhecer a sinopse da sequência de leitura de crônicas criada por nós? Ela está organizada em encontros de leitura. Essa sinopse é uma espécie de planejamento mais simplificado, que torna mais claros os procedimentos a serem realizados em um encontro de leitura, e os objetivos para que possamos manter uma coerência com nosso plano de trabalho. Embora seja um material que nos orienta para o trabalho, esse não é estanque e pode ser adaptado de acordo com as necessidades observadas por você até mesmo durante o encontro.



Quadro 4 - Sinopse do encontro I: a crônica pela crônica

ENCONTROS	ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	OBJETIVOS
<p>Encontro I: “O exercício da crônica”, de Vinicius de Moraes e “O frívolo cronista”, de Carlos Drummond de Andrade.</p>	<p style="text-align: center;">PRÉ-LEITURA</p> <p>✓ Vídeo e discussão do poema “Autopsicografia”, de Fernando Pessoa, com foco na metalinguagem. Textos de apoio <i>Não deixe o samba morrer</i> (Anexo 1) e <i>Self Made Man</i>, de Bobbie Carlyle (Figura 2).</p> <p style="text-align: center;">LEITURA</p> <p>✓ Leitura das duas crônicas em voz alta para a turma – <i>O exercício da crônica</i>, de Vinicius de Moraes (Anexo 2) e <i>O frívolo cronista</i>, de Carlos Drummond de Andrade (Anexo 3)</p> <p>✓ Aplicação de questionário sobre a leitura. (Apêndice A)</p> <p>✓ Discussão oral sobre as respostas dos alunos, com ênfase na classificação do gênero <i>metacrônica</i> e os demais aspectos, em destaque no questionário, tais como valorização, classificações e uso da linguagem.</p> <p style="text-align: center;">PÓS-LEITURA</p> <p>✓ Criação de um decálogo da crônica, individual, com base no apresentado pelos textos lidos. Esse será utilizado no encontro III para a produção de crônica.</p> <p>✓ Indicação de leitura: “Sobre a crônica”, de Ivan Ângelo.</p>	<p>✓ Introduzir a compreensão sobre metalinguagens.</p> <p>✓ Apreciar a leitura das crônicas.</p> <p>✓ Identificar aspectos, relacionados aos termos negritos no questionário, no texto.</p> <p>✓ Apresentar respostas do questionário para a discussão oral sobre essas especificidades do gênero crônica, principalmente a <i>metacrônica</i>.</p> <p>✓ Reconhecer e estabelecer princípios para o gênero crônica.</p>

Fonte: o autor (2020).

PROFESSOR@, para iniciar este encontro convida os alunos para assistir ao vídeo “*Autopsicografia*, de Fernando Pessoa”, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=WDb4mNUfijQ>>. Em seguida, inicie uma conversa informal breve sobre o vídeo, discutindo a metalinguagem:

UMA PITADA DE CONVERSA PARA COMEÇAR

Gostaram do vídeo?
 Por quê?
 Já conheciam esse texto?
 Algo nele chama a atenção?
 O quê?

PROFESSOR@, no momento da aula, você pode recorrer a outros textos do repertório dos estudantes ou do seu próprio para que possibilite aos

alunos observar a metalinguagem em vários textos/linguagens. Os textos selecionados para complementar a aula e possibilitar um aguçamento das percepções foram: 1) o samba – “Não deixe o samba morrer”, na voz de Alcione, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=_TnLPDG8ZMA> (letra no ANEXO 1); a escultura *Self Made Man*, de autoria de Bobbie Carlyle (projete a imagem aos estudantes, PROFESSOR@).

PROFESSOR@, a partir desses textos, você pode pedir aos alunos que façam novas atividades de interpretação, por exemplo, que comentem a escultura ou que justifiquem o porquê de o samba ser considerado uma metalinguagem.

Figura 2 - *Self Made Man*, de Bobbie Carlyle



Fonte: CARLYLE (2020).

Após a apreciação desses textos, os alunos apontaram o que há em comum entre eles, e durante a discussão fizeram reflexões sobre a metalinguagem nas crônicas lidas. Nessa atividade, no momento de pré-leitura, é interessante que nós, além de nos colocarmos como apreciadores do texto em si, nos coloquemos também como aquele leitor de olhar minucioso que vê suas potencialidades que possam despertar para a curiosidade e a aprendizagem do novo.

É importante que deixemos os leitores, nesse momento, falarem de suas impressões de leitura e possíveis sentidos que abstraem dos textos, pois cada leitor faz uma leitura singular que corresponde ao que já apresentamos em forma de níveis – cada um apresenta desenvolvimento dos níveis de leitura diferente, de acordo com suas formações como humano / como leitor.

Cada leitor vive um momento único, durante cada leitura que faz, vê o texto como nenhum outro pode ver, dialoga com ele de forma diferente dos demais. São as apreciações de leitura singulares que nos interessam, nesse primeiro momento dos nossos encontros, quando o leitor pode compartilhar suas leituras com outros e também ter a leitura de outros compartilhadas com ele, o que faz com que reviva o momento da leitura e se torne capaz de olhar para o texto não somente como unidade, mas também como plural.

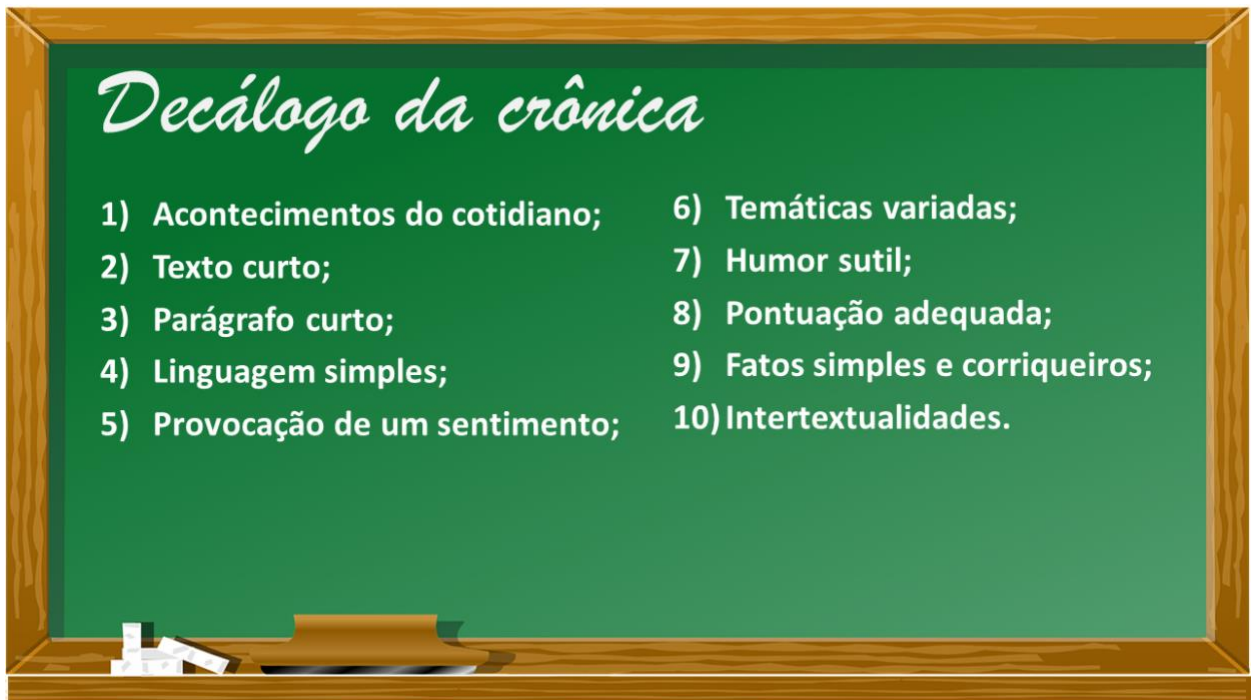
O fenômeno da metalinguagem, nesse encontro, foi uma percepção trazida pelo pesquisador-professor, que, com a intenção de investigar sobre as capacidades leitoras mobilizadas por esses alunos durante a leitura, pautou-se na textualidade.

PROFESSOR@, passado esse momento de preparação para a recepção, faça a leitura das duas crônicas em voz alta e solicite que os alunos tomem nota de aspectos relacionados à metalinguagem para uma discussão oral. Entregue aos alunos a atividade (Apêndice B) e peça para que respondam ao questionário.

PROFESSOR@, pode ser que durante as discussões os estudantes queiram falar de outras observações no texto, que podem não ser o que planejou para a aula, mas deixem-nos falar também. Por exemplo, nesse encontro os alunos demonstraram interesse em expor suas observações relacionadas aos sentimentos e dificuldades de um cronista e também pontuaram a infinidade de temáticas que cabem em uma crônica.

PROFESSOR@: na pós-leitura, gere uma discussão oral sobre as leituras realizadas, respeitando as múltiplas respostas, e instigue reflexões sobre as respostas a fim de que sintetizem em um **Decálogo da crônica** (Figura 3) os valores que, com base nos textos, puderam ser tidos como fundamentais. Observação: os alunos fazem o decálogo primeiramente, individual; e somente após o confronto de ideias é que sintetizamos em um único, coletivamente.

Figura 3 - Decálogo da crônica



Fonte: o autor (2020).

Nesse encontro, acredito que sintetizamos os conhecimentos sobre crônica tanto com relação à forma quanto ao conteúdo, o que se faz de grande valia para continuidade do trabalho com leitura desse gênero.

SUGESTÕES DE RESPOSTAS PARA O QUESTIONÁRIO

- 1) Os textos são considerados **metacrônicas** pelo fato de além de ser um cronista falando da dificuldade no exercício de escrever crônicas refere-se a um texto da tipologia crônica literária retratando aspectos da composição de crônicas. São duas espécies de metalinguagem, uma por ser o cronista falando dele mesmo no papel social de escritor-cronista e outra por ser uma crônica retratando a diversidade de temáticas e composição da linguagem mesmo que de forma bastante informal, em estilo de crônica.
- 2) A crônica, embora tenha sido considerada um gênero menor por alguns estudiosos e ainda careça de estudos, é um gênero que tem um vasto público leitor e além de transitar pela esfera literária e jornalística tem se propagado de forma bastante significativa em meios de comunicação virtual como: blogs, sites, revistas, redes sociais entre outras, além dos muitos adeptos do gênero poderíamos abordar discussões sobre a consagração na esfera literária e a conquista de cada vez mais espaço e reconhecimento nesse campo, na gama de escritores que migraram para esse gênero, na composição linguística rica e relevante. Dessa forma, é bastante complicado deixar que a ideia de “gênero menor” prevaleça.
- 3) A crônica pode ser classificada por diversos fatores: linguagem pode ser mais lírica ou narrativa, temas podem ser mais individuais ou universais, podem referir-se ao mundo físico ou a um momento de introspecção. As respostas são múltiplas e não podem ser desconsideradas desde que bem fundamentadas. Nós, nesse trabalho, por exemplo, criamos uma classificação de: metacrônica, introspectiva, de humor com crítica social e filosófica existencial.
- 4) Qualquer resposta que não se distancie da citação está correta. O escritor aponta para a necessidade do momento de refrigério, de não produtividade, de descanso, de deleite,

momento que é essencial para se manter a força vital. São nesses momentos que conseguimos pensar com calma nas nossas ações no mundo em si e em nós mesmos e planejar ou agir de forma consciente e crítica na construção de um mundo melhor.

“O inútil tem sua forma particular de utilidade. É a pausa, o descanso, o refrigério, no desmedido afã de racionalizar todos os atos de nossa vida (e a do próximo) sob o critério exclusivo de eficiência, produtividade, rentabilidade e tal coisa. Tão compensatória é essa pausa que o inútil acaba por se tornar de maior utilidade, exagero que não hesito em combater, como nocivo ao equilíbrio moral. Não devemos cultivar o ócio ou a frivolidade como valores utilitários de contrapeso, mas pelo simples e puro deleite de fruí-los também como expressões da vida” (ANDRADE, 2014, p.151).

5) Segundo Eduardo Portella, **a crônica bem-feita transcende a vida efêmera do jornal**, por conta da possibilidade de a crônica não estar tão apegada ao tempo do agora ou ao contexto restrito que a limita em tempo e espaço. Ela pode tratar temas da natureza humana que atravessam gerações e gerações e pouco se alteram.

PROFESSOR@, no segundo encontro, conforme se pode observar no quadro a seguir, buscamos a compreensão dos alunos sobre o título de uma crônica e a relação desse com o restante do texto. Essa abordagem pode ser realizado com muitos outros tipos de leitura. O pesquisador-professor exemplificando, poderia apresentar aos alunos o título de um filme, de uma poesia, de um conto ou até mesmo a chamada para uma reportagem e deixar que os alunos exponham suas impressões ou expectativas com relação ao texto, para somente após essa dimensão de sentidos, apreciar a obra em sua totalidade.

Quadro 5 - Sinopse do Encontro II: A introspecção na crônica – textualidades e representações

ENCONTROS	ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	OBJETIVOS
<p>Encontro II: “O milagre das folhas”, de Clarice Lispector</p>	<p style="text-align: center;">PRÉ-LEITURA</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Apresentação do título da crônica. ✓ Pergunta a respeito das primeiras impressões sobre o título. <p style="text-align: center;">LEITURA</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Leitura silenciosa da crônica “O milagre das folhas”, de Clarice Lispector (Anexo 4) ✓ Questionário referente à linguagem, discursos e significados no texto. (Apêndice B) ✓ Discussão oral fundamentada nas respostas ao questionário. <p style="text-align: center;">PÓS-LEITURA</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Questionário sobre reflexões proporcionadas pela leitura (Apêndice B). 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Reconhecer que o título da crônica pode, por meio de hipóteses, antecipar sentidos. ✓ Apreciar o texto via leitura silenciosa. ✓ Recuperar aspectos linguísticos relacionados à aproximação escritor-leitor, discursos externos ao texto (intertextualidades) ✓ Recuperar estratégias linguísticas usadas no texto para aproximação escritor-leitor. (Dar ênfase nas interrogações por se tratar de uma crônica reflexiva). ✓ Expor e confrontar os significados de milagre no texto no leitor.

	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Discussão oral fundamentada nas respostas ao questionário ✓ Escrever poema com o título “milagre” com base no poema “Felicidade”, de Bertold Brecht (Apêndice B) 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Refletir sobre possíveis alterações no significado de milagre após a leitura.
--	---	---

Fonte: o autor (2020).

PROFESSOR@, inicie a aula apresentando o título da crônica para que os alunos, sem nenhuma intromissão, façam inferências sobre essa atividade, por escrito ou oralmente.

UMA PITADA DE CONVERSA PARA COMEÇAR

PROFESSOR@, essa é uma conversa bem curta, pois se você alongá-la muito pode ser que acabe compartilhando informações que influenciarão na realização das próximas atividades de leitura. Por exemplo: perguntar somente se “gostaram do título”, e pedir que justifiquem suas respostas.

PROFESSOR@, para elaborarmos nossas atividades é interessante que busquemos conhecer os textos com os quais estamos trabalhando. Então, além da leitura prévia, é essencial que busquemos compreender esse texto e suas particularidades. Nós, por exemplo, para desenvolvermos essa atividade, além dos embasamentos teóricos e metodológicos para o ensino da leitura nos valem dos textos de Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira e Thiago Alves Valente *Em busca do sentido: uma análise das estratégias de processamento textual em “O milagre das folhas”, de Clarice Lispector.*

PROFESSOR@, entregue aos alunos a crônica *O milagre das folhas*, de Clarice Lispector (Anexo 4) e solicite uma leitura silenciosa e bem atenta. Optamos até pela leitura silenciosa, para que esse encontro com o texto se desse sem ruídos e se assemelhasse a um encontro do “eu” comigo “mesmo” e, assim sendo tornasse o nível da reflexão ainda mais profundo. Logo em seguida, entregue o Questionário (Apêndice C) e deixe que os alunos respondam sem interferências.

PROFESSOR@, nessa atividade trabalhamos com o significado da palavra *milagre*, pois dessa forma podemos adentrar o universo de Clarice Lispector, escritora muito conhecida pela sua escrita introspectiva e reflexiva. Milagre é uma palavra que tem sentidos diversos e muitos deles podem estar fortemente relacionados às religiões, às crenças, à fé das pessoas. Então, nesse

encontro, não busque só a compreensão da palavra (milagre) em si, mas um momento de introspecção e reflexão que *a posteriori* resulte em discussões e indagações sobre a vida e os acontecimentos que a compõem.

PROFESSOR@, dependendo do fôlego que tiver para a realização da atividade, é interessante que discorra um pouco sobre a escritora e sua marca registrada, intimista e introspectiva. Para esse fim, disponibilizamos a seguir alguns links que podem direcionar seus alunos ou até mesmo apresentar informações para construção de novas atividades.

CLARICE LISPECTOR: UMA ESCRITA PECULIAR

<https://cronicabrasileira.org.br/autores/5886/clarice-lispector>

<https://claricelispectorims.com.br/vida/>

<https://ims.com.br/eventos/clarice-lispector-cronista-singular-ims-paulista/>

<https://youtu.be/HHM504bF1yA>

PROFESSOR@, neste momento, gostaríamos de ressaltar que nossos encontros de leitura não se fizeram como pretextos para produções escritas como muito se pode notar, mas a escrita esteve a serviço da leitura, pois precisamos, de alguma forma, concretizar aquilo em que acreditamos, e nesse momento se torna notória a correspondência entre o gênero produzido e os objetivos tidos pelo encontro de leitura.

PROFESSOR@, acreditamos que no nível da reflexão proporcionamos, não só uma análise da vida particular de cada um, mas um encontro de ideias e concepções de mundos, mesmo que no plano das subjetividades que se confrontam e nesse confronto também confortaram uns aos outros com relação às suas frustrações, desilusões, desencontros e desarranjos com a vida num todo.

Com isso, caro professor, acreditamos que no nível da reflexão proporcionamos nesse encontro não só uma análise da vida particular de cada um, mas um encontro de ideias e concepções de mundos, mesmo que no plano das subjetividades que se confrontam. Assim eles também se confortaram uns aos outros com relação às suas frustrações, desilusões, desencontros e desarranjos com a vida num todo.

LITERATURA

[...] confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CANDIDO, 1995, p. 180).

PROFESSOR@, neste terceiro encontro, trouxemos uma crônica de *crítica social* e nos utilizamos de estratégia semelhante ao segundo encontro: discussão sobre o título sem o conhecimento da totalidade do texto. Também discutimos os aspectos textuais referentes às marcas de oralidade, discorremos sobre intertextualidade com outras produções e sobre o tom humorístico presente no texto.

Quadro 6 - Sinopse do encontro III: O humor e a crítica social na crônica

ENCONTROS	ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	OBJETIVOS
<p>Encontro III: “Inferno Nacional”, de Sérgio Porto</p>	<p>PRÉ-LEITURA</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Discussão oral sobre o título “Inferno Nacional” <p>LEITURA</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Leitura da crônica <i>Inferno Nacional</i>, de Sérgio Porto (Anexo 5) feita pelo professor com intervenções para a observação de aspectos da tradição oral. ✓ Assistir ao vídeo <i>Mulher corre de repórter ao ser perguntada se é funcionária da Assembleia</i>. ✓ Questionário sobre a origem da crônica, intertextualidade, humor e linguagem informal/coloquial. (Apêndice C) <p>PÓS-LEITURA</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Produção de uma crônica orientada pelo decálogo produzido no primeiro encontro e pela piada “Céu X inferno” (Apêndice C) 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Reconhecer que o título possibilita inferências sobre o conteúdo temático de um texto. ✓ Apreciar leitura da crônica e atentar-se aos aspectos linguísticos típicos da oralidade (Expressões orais). ✓ Observar o humor (ver: O nome da rosa, de Umberto Eco). ✓ , que embora sutil, apresenta-se como uma crítica aos costumes. ✓ Apreciar outras leituras para a produção de uma crônica. ✓ Reconhecer a importância de se planejar a escrita (ver decálogo).

Fonte: o autor (2020).

PROFESSOR@, no momento de pré-leitura, estabeleça um diálogo com os alunos sobre o título da crônica **Inferno nacional** e incite a reflexão em

torno não somente dos possíveis sentido dele, mas também sobre a importância de um título para um texto, considere o título como um chamariz para a leitura completa de um texto e resvale sobre os possíveis sentidos que um título possibilita no leitor.

PARA INÍCIO DE CONVERSA

Esse título chamou sua atenção? Por quê?

PROFESSOR@, faça a leitura da crônica *Inferno Nacional*, de Sérgio Porto em voz alta para a turma e durante a leitura faça intervenções para comentar sobre aspectos da oralidade ou para indagar os alunos sobre compreensões que podem estar tendo durante a leitura.

INFERÊNCIAS DURANTE A LEITURA

PROFESSOR@, vá realizando pausas a cada parágrafo lido e questionando sobre os conhecimentos prévios d@s alun@s quanto aos termos usados e também quanto aos sentidos que estão tendo durante a leitura. Procure dar mais ênfase a aspectos predominantes nesses textos. Por exemplo, no texto em questão evidenciamos aspectos da oralidade (expressões como: “abotoou o paletó” e “enguiçada”), e a crítica social, pois queríamos demonstrar o trabalho com a linguagem (humor sutil) e a abordagem temática trazida na crônica (crítica satirizada).

PROFESSOR@, para a abordagem da crônica de Sérgio Porto procuramos conhecer um pouco mais desse escritor e, acreditando que essa seja uma ótima estratégia para que possamos melhor ler e participar das leituras dos nossos alunos, deixamos aqui como uma indicação de leitura - *AS CRÔNICAS DE SÉRGIO PORTO: uma proposta de leitura para o ensino fundamental*, de Maria Helena Stremel e Jane Kelly de Oliveira, disponível no link que segue: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_uepg_port_artigo_maria_helena_stremel.pdf> e o artigo *O “neo-jeitinho” brasileiro em Inferno Nacional*, de Júlio César Dos Santos de Souza, Marcos Vinícius Braga Vivas e Ozana Aparecida Do Sacramento, disponível em: <<http://www.even3.com.br/anais/5fe2jle/72077-o-neo-jeitinho-brasileiro-em-inferno-nacional/>>.

PROFESSOR@, nesse momento da intervenção, os sentidos estão pautados na crítica social presente no texto, uma política feita com um humor sarcástico que, embora seja uma crítica que se estende a diversas nações refere-se mais especificamente ao Brasil. Trazemos para elucidá-la melhor, o vídeo

“Mulher corre de repórter ao ser perguntada se é funcionária da Assembleia”, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=M8fWjZ5OqsY>>, com o qual estabelecemos conexões por conta do conteúdo e do humor.

PROFESSOR@, completos as atividades de leitura e discussão peça para que os alunos respondam ao questionário (Apêndice C) com perguntas sobre os sentidos e os aspectos linguísticos da crônica **Inferno Nacional**, de Sérgio Porto.

PROFESSOR@, no quarto encontro, veja que não temos a fase de pré-leitura, que se dá com a própria leitura. Isso foi propositalmente, para mostrar que pode ou não haver essa distinção das fases, mas elas acontecem imbricadas umas nas outras, assim como os níveis, e o que mais importa é sistematizar um plano de ensino, conforme se pode notar nesse trabalho.

Quadro 7 - Sinopse do encontro IV: as formas de ler e reflexão da crônica

ENCONTRO	ESTRATÉGIA METODOLÓGICA	OBJETIVOS
<p>Encontro IV: “Eu sei mais não devia”, de Marina Colasanti</p>	<p>PRÉ-LEITURA ✓ Nesse encontro, iniciamos com leitura da crônica <i>Eu sei, mas não devia</i>, de Marina Colasanti (Anexo 6) na íntegra.</p> <p>LEITURA Leitura silenciosa ✓ Escrever impressões iniciais da leitura ✓ Ver o vídeo Eu sei, mas não devia com leitura feito por Antônio Abujamra.</p> <p>PÓS-LEITURA ✓ Confrontar as formas de leitura individual e leitura multimodal com relação à apropriação dos sentidos. ✓ Assistir ao depoimento “Eu não quero me acostumar” de Marina Colasanti, em que a autora fala sobre as motivações e reflexões em torno do tema. ✓ Conversa informal sobre a (banalização do mal - ver Hanna Arendt) e as relações humanas pós-modernas (Bauman) ✓ Hanna Arendt – Banalização do mal – reflexões sobre como isso se deu no passado e na atualidade. As relações pós-modernas de Bauman – Explicar que as pessoas vivem sob a pressão do sistema capitalista, e por conta de atividade, despreocupam-se com o coletivo, tornam-se mais egoísticas, robotizando-se. Tudo se torna fluido, líquido, passageiro. ✓ Produção de relatos autobiográficos de acordo com a temática da crônica.</p>	<p>✓ Apreciar e comparar formas de leitura silenciosa – multimodal, principalmente com relação aos sentidos obtidos por elas. ✓ Professor : falar que se trata de um texto filosófico-existencial, que foca a banalização de tudo, inclusive da vida. Isso é reforçado pela anáfora (repetição no início de frases) “A gente se acostuma...”.</p>

Fonte: o autor (2020).

PROFESSOR@, inicie esse encontro com a leitura individual silenciosa e, após uma apreciação também individual, que pode ser escrita ou oral dos sentidos da crônica **Eu sei mais não devia**, de Marina Colasanti (Anexo 6), promova um compartilhamento desses sentidos entre os presentes. Para isso, você, pode somente dizer: “comente suas leituras com os colegas” e realizar a mediação das discussões.

PROFESSOR@, dando continuidade, assista com os estudantes ao vídeo “Eu sei que a gente se acostuma, mas não devia, de Marina Colasanti”, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Ax7TIU9pmc4>>, para, em seguida, confrontar os sentidos de ambas as leituras. Com essa atividade, buscamos possibilitar aos alunos uma reflexão em torno das formas de leitura e seus efeitos no leitor.

PROFESSOR@, após assistirem ao vídeo, entregue o questionário para os alunos e deixe que respondam individualmente, sem nenhuma intromissão. Com o término da atividade, estabeleça uma conversa, na qual aborde as respostas dos alunos e faça também apontamentos relacionados às modalidades de leitura para que passem a compreender as novas configurações dos textos (mostre a articulação de várias linguagens em textos multimodais / multissemióticos e também a multiplicidade de efeitos de sentidos que esses podem proporcionar).

PROFESSOR@, dando continuidade ao encontro, disponibilize aos alunos o vídeo “*Eu não quero me acostumar*”, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Ax7TIU9pmc4>>, no qual a própria escritora (Marina Colasanti) faz um relato autobiográfico explicando suas motivações para a escrita da crônica *Eu sei, mas não devia*, e expõe suas indignações frente à realidade presenciada.

PROFESSOR@, com relação aos sentidos obtidos nos textos, buscamos discutir problemáticas humanísticas com base nas observações individuais de cada contexto social. Então, para finalizar esse encontro, peça aos alunos que escrevam um relato bibliográfico com base no assistido, retratando problemáticas observadas por eles em suas realidades.

PROFESSOR@, se é papel da Literatura humanizar, então o papel do professor não deve destoar disso, principalmente diante de textos literários. Sendo assim, como proposta para o ensino da leitura, principalmente com o texto literário, frisamos várias vezes a necessidade de se intermediar, por meio da leitura, as relações tanto interpessoais como extra-pessoais para a compreensão do ser em si e da sociedade a qual pertence o estudante, tornando-o cada vez mais

consciente e reflexivo a respeito dos acontecimentos que os circundam, e combatente nas desigualdade e injustiças que presencia.

LITERATURA

Satisfaz, em outro nível, à necessidade de conhecer os sentimentos e a sociedade, ajudando-nos a tomar posição em face deles. É aí que se situa a literatura social, na qual pensamos quase exclusivamente quando se trata de uma realidade tão política e humanitária quanto a dos direitos humanos, que partem de uma análise do universo social e procuram retificar as suas iniquidades. (CANDIDO, 1995, p. 180).

O texto, sobre o qual estão pautadas as discussões desse encontro, refere-se a uma crônica com dicção poética, que, por meio de anáfora, enfatiza o momento repetitivo de se acostumar a “coisas” que jamais deveriam ser aceitas sem questionamento. Mudanças necessárias às vezes por conta do sistema capitalista selvagem que se anuncia cada vez mais forte, acabam ignoradas até mesmo por aqueles com muita consciência da realidade e com desejo de um mundo melhor. Tais “coisas” não são miúdas, como estamos acostumados a ver crônicas, porém muitas vezes passam despercebidas, precisando de mais atenção. “Coisas” que o professor, na aula de Literatura pode trazer por meio da ficção justamente para abrir os olhos daqueles que não veem e causar indignação naqueles que as aceitam com facilidade.

PROFESSOR@, veja que apresentamos uma síntese de aspectos da crônica em questão, trazidos para que você possa utilizá-los em seu momento de discussão, no momento de pós-leitura, interagindo com os alunos de forma a contribuir para a compreensão de aspectos que eles não percebiam em suas leituras.

REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA LEITURA APRESENTADO NESTA PROPOSTA

PROFESSOR@, vamos refletir sobre o nosso trabalho...



PROFESSOR@, trouxemos aqui, como já expusemos anteriormente, uma **sequência de leitura** orientada pelo **protótipo de leitura** desenvolvido na nossa pesquisa, que possibilita muitas adaptações por seguir a proposta de se criar um esqueleto didático que permita esses desdobramentos, assim como o protótipo que apresenta uma arquitetura vazada e pode se desdobrar para múltiplos contextos de implementação, níveis ou etapas de escolaridade, disciplinas, conteúdos, entre outros.

O protótipo de leitura aqui apresentado orienta para a realização de atividades que busquem desenvolver os níveis de leitura no alun@ leitor@, que, ao nosso ver, é o desenvolvimento integral, pois abrange vários aspectos da condição humana, que vão desde o uso de órgãos do sentido até o desenvolvimento da consciência crítica e reflexiva, capacitando ess@s alun@s para atuarem na sociedade de forma mais humanizada.

PROFESSOR@, para a nossa implementação, selecionamos o gênero *crônica literária*, mas você pode selecionar outros gêneros de texto e traçar o mesmo caminho ou caminho semelhante. Organizamos as atividades de forma que englobassem vários autores e usos da linguagem na construção de textos do mesmo gênero, o que acreditamos ser muito válido, principalmente em se tratando de textos artísticos, por conta da originalidade. Outro aspecto da organização metodológica que vale firmar é que devemos, em nossa proposta, contemplar tanto autores do sexo masculino quanto feminino, pois há estudos que apontam o apagamento no que diz respeito a autoria feminina.

PROFESSOR@, neste trabalho, ainda que de forma indireta, as atividades contemplam o uso de tecnologias. Isso porque se faz necessário implementá-las em sala de aula, tanto no trabalho com a produção quanto na recepção de textos, pois não podemos negar o desenvolvimento social e a globalização que essas novas ferramentas possibilitam. No âmbito da leitura, temos que capacitar nossos alunos a compreenderem as novas modalidades de textos e de leitura que elas possibilitaram e também suas novas formas de circulação e propagação.

PROFESSOR@, temos como papel social desenvolver em nossos alunos o senso crítico, para que possam distinguir conteúdos falsos e combatê-los, uma vez que vivemos tempos de produção e reprodução de *fake news* em larga escala e os riscos de sermos atingidos por elas são altos.

PROFESSOR@, com relação aos gêneros literários, podemos afirmar que a crônica literária muito contribuiu para um olhar mais agudo em relação a fatos rotineiros e também para um olhar voltado à essência de cada alun@ envolvido nesse processo de ensino e aprendizagem. Os estudantes demonstraram estar bastante preocupados e engajados com as causas sociais e reconheceram a função desse gênero. Logo, devemos humanizar não somente para as coisas grandes e distantes, mas para as coisas também miúdas e que se encontram sob nossos narizes.

PROFESSOR@, esperamos ter contribuído para sua maior autonomia, na realização de atividades de leitura, e possibilitado reflexões em torno do que devemos nos valer como essencial a ser ensinado e aprendido na escola. Assim, tornaremos nossos alunos mais proficientes na leitura, e o mundo um lugar melhor!

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. D. de. O frívolo cronista. *In: Boca de Luar*. 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BRECHT, B. **Poemas** – 1913-1956. São Paulo: 34, 2000.

CANDIDO, A. **Vários Escritos**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1988.

CARLYLE, B. **Self Made Man**. Disponível em: <https://www.bobbiecarlylesculpture.com/SelfMadeMan.php>. Acesso em: 03 jul. 2020.

COLASANTI, Marina. Eu sei, mas não devia. *In: COLASANTI, Marina. Eu sei, mas não devia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996, p.09. Disponível em: http://releituras.com/mcolasanti_eusei.asp. Acesso em: jul. 2020.

GOTTARDI, A. M. **A crônica na mídia impressa**. São Paulo: Arte e Ciência, 2007.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 15.ed. Campinas: Pontes, 2013.

KLEIMAN, A. Introdução: O que é letramento? Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. *In: KLEIMAN, Ângela (Org.). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

LISPECTOR, Clarice. O milagre das folhas. *In: Jornal do Brasil*, em 04 de janeiro de 1969. Disponível em: <https://literaturaemcontagotas.wordpress.com/2009/02/26/bela-cronica-de-clarice-lispector/>. Acesso em: 02 jul. 2020.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 13.reimpr. 19.ed. São Paulo: Brasiliense, 2006

MENEGASSI, R. J. Avaliação de leitura. *In: MENEGASSI, R. J. (Org.). Leitura e ensino*. Maringá: EDUEM, 2005, p. 87-106.

MENEGASSI, R. J. Estratégias de leitura. *In: MENEGASSI, R. J. (Org.). Leitura e ensino*. Maringá: EDUEM, 2005: p. 41-63.

MENEGASSI, R. J. Perguntas de leitura. *In: MENEGASSI, R. J. (Org.). Leitura e ensino*. Maringá: EDUEM, 2005, p. 167-189.

MENEGASSI, R. J.; ANGELO, C.M.P. Conceitos de leitura. *In: MENEGASSI, R. J. (Orgs.). Leitura e ensino*. Maringá: EDUEM, 2005, p.15-40.

MOISÉS, M. **A criação Literária: Prosa II**. São Paulo: Cultrix, 2003.

MORAES, Vinicius de. **Obra poética: Poesia completa e prosa: volume único**. 4ª ed./ organização Eucanaã Ferraz. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

PONTE PRETA, Stanislaw. **Crônicas de Humor Carioca**. Rio de Janeiro: Agora Comunicação Integrada Ltda, 1998.

ROJO, R. H. R.; ALMEIDA, E. M. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. 264 p.

ROJO, R. H. R. **Alfabetização e multiletramentos**. São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.plataformadoletramento.org.br/em-revista-entrevista-detalle/246/roxane-rojo-alfabetizacao-e-multiletramentos.html>. Acesso: 30 mar. 2020.

ROJO, R. H. R. Novos multiletramentos e protótipos de ensino: por um Web-Currículo. In: Cordeiro, Glaís Sales; Barros, Eliana Merlin Deganutti de; Gonçalves, Adair Vieira (Orgs.). **Letramentos, objetos e instrumentos de ensino: Gêneros textuais, sequências e gestos didáticos**. Campinas, SP: Pontes, 2017^a. p. 189-216.

ROJO, R. H. R. Alfabetismo(s), letramento(s), multiletramento(s): Desafios contemporâneos à Educação de Adultos. In: COSTA, R. P.; CALHAU, S. (Org.) **...E uma educação pro povo, tem?** Rio de Janeiro: Caetés, 2010. p. 75-90.

SIEBERT, S. A crônica brasileira tecida pela história, pelo jornalismo e pela literatura. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 14, n. 3, p. 675-685, set./dez. 2014.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Tradução Cláudia Schilling. 6.ed. Porto Alegre: ArtMd, 1998.

APÊNDICES

**É MOMENTO DE COMEÇAR O TRABALHO
COM OS ESTUDANTES! BORA!**



APÊNDICE A

A CRÔNICA PELA CRÔNICA

QUERID@S ALUN@S, respondam ao questionário com base na conversa que tivemos no momento da pré-leitura e nas crônicas *O exercício da crônica*, de Vinicius de Moraes e *O frívolo cronista*, de Carlos Drummond de Andrade.

Questões

- 6) Por que esses textos podem ser considerados *metacrônicas*?

- 7) No texto de Vinicius de Moraes há uma **valorização da crônica**, vista como um “gênero menor” por muitos autores. Você concorda? Comprove sua resposta com fragmentos do texto.

- 8) No texto, Vinicius de Moraes apresenta uma **tipologia informal** e divertida, na linha da “prosa fiada”, dos diferentes cronistas e suas produções. Calcado em tal assertiva, crie uma **classificação dos diferentes tipos de crônica**.

- 9) Como Drummond **explicita e valoriza** a “inutilidade” da crônica?

- 10) Segundo Eduardo Portella, **a crônica bem-feita transcende a vida efêmera do jornal**. Comente.

- 11) **Decálogo da crônica** – A exemplo de Moisés, nos *Dez Mandamentos*, e tendo em vista os textos de Moraes e Andrade, estabeleça 10 princípios fundamentais da crônica.

APÊNDICE B

QUESTIONÁRIO: A INTROSPECÇÃO NA CRÔNICA – TEXTUALIDADES E REPRESENTAÇÕES

QUERID@ ALUN@, com base na leitura da crônica *O milagre das folhas*, de Clarice Lispector, responda ao questionário:

Questões

- 1) Com relação ao **título** desse texto, o que se pode inferir? Quais os possíveis sentidos para “folhas”?
- 2) Em qual momento do texto aparece o termo “folhas”? Qual a **intenção** da escritora ao usá-lo?
- 3) Quais **estratégias linguísticas** você percebeu como uma aproximação do Eu-narrador com o Eu-leitor?
- 4) Você consegue estabelecer **relações entre esse texto e outros** já lidos por você? Quais? Por quê?
- 5) **Com relação ao gênero crônica**
 - 5.1) Quais aspectos, na sua opinião, sobressaltam aos olhos no que diz respeito à estrutura e à linguagem dessa crônica? Justifique-os.
- 6) **Com relação aos sentidos do texto.**
 - 6.1) Qual o significado de milagres para a narradora?
 - 6.2) Qual o significado de milagres para você?
 - 6.3) Após a leitura da crônica, você percebe alguma alteração no significado de milagres para você?
 - 6.4) O texto proporcionou reflexões? Quais?
7. Escreva um poema com o título “Milagre” com base no poema “Felicidade”, de Bertold Brecht.

FELICIDADE

O primeiro olhar da janela de manhã
O velho livro perdido reencontrado
Rostos animados
A neve, a sucessão das estações
Jornais
O cachorro
A dialética
Tomar banho, nadar um pouco
A música antiga
Sapatos macios
Compreender
A música nova
Escrever, plantar
Viajar, cantar
Ser camarada

Fonte: BRECHT (2000).

APÊNDICE C

QUESTIONÁRIO: O HUMOR E A CRÍTICA SOCIAL NA CRÔNICA

QUERID@ ALUN@, responda ao questionário a seguir, com base nos conhecimentos adquiridos pelo texto teórico e pela discussão oral que tiveram.

Questões

1. Comente o primeiro parágrafo da crônica.
2. *Castigat ridendo mores* (Com o riso, castigam-se os costumes). Como esse brocardo latino aplica-se ao texto de Sérgio Porto?
3. Por que o riso (o cômico) é considerado desconstrutor?
Filme: *O nome da rosa*, de Umberto Eco.
4. Retire do texto expressões populares/coloquiais e coloque seus possíveis significados.
5. Qual a classificação da crônica, segundo seus aspectos temáticos?
Justifique.
6. Após as discussões, escrever uma crônica pautada na piada a seguir

CÉU X INFERNO

Ao atender o telefone, São Pedro ouve a inconfundível voz do Diabo: - Estou lhe desafiando para uma partida de futebol no próximo final de semana. O Céu contra o Inferno, aceita? - Aceito, sim - respondeu São Pedro, humildemente. - Mas, a honestidade me obriga a lhe dizer que vocês vão perder. Tenho os melhores jogadores de todos os tempos no meu time. - Pode ser! Mas não se esqueça de que eu tenho os piores juízes!

(AUTORIA DESCONHECIDA)

APÊNDICE D

AS FORMAS DE LER E A REFLEXÃO NA CRÔNICA

QUERID@ ALUN@, após apreciar a crônica e o vídeo com leitura da crônica *Eu sei, mas não devia*, de Marina Colasanti responda ao questionário a seguir e aprenda um pouco mais sobre a diversidade na composição e sentidos dos textos (Multimodais/ multissemióticos).

Leitura: Textual ≠ Multimodal

1 - Leitura Silenciosa

Quais as primeiras impressões da leitura?

2 – Com relação ao confronto da sua leitura com o vídeo:

Você acredita que os sentidos tidos pelas leituras são os mesmos? Por quê?

Como você avalia a disposição de imagens e sons que acompanham a leitura no vídeo?

Justifique sua forma favorita de leitura.

ANEXOS

ANEXO 1

LETRA DE “O SAMBA NÃO PODE MORRER”

NÃO DEIXE O SAMBA MORRER

Não deixe o samba morrer
Não deixe o samba acabar
O morro foi feito de samba
De samba pra gente sambar
Quando eu não puder
Pisar mais na avenida
Quando as minhas pernas
Não puderem aguentar
Levar meu corpo
Junto com meu samba
O meu anel de bamba
Entrego a quem mereça usar
Eu vou ficar
No meio do povo espiando
A Mangueira perdendo ou ganhando
Mais um carnaval
Antes de me despedir
Deixo ao sambista mais novo
O meu pedido final
Antes de me despedir
Deixo ao sambista mais novo
O meu pedido final
Não deixe o samba morrer
Não deixe o samba acabar
O morro foi feito de samba
De Samba, pra gente sambar
Falaram que meu companheiro

Meu amigo surdo
Parece absurdo

Apanha por tudo
Ninguém canta samba sem ele apanhar
Não viram que seu companheiro
Amigo Pandeiro
Também tira coco do mesmo coqueiro
E apanha sorrindo pro povo cantar
Pandeiro, não é absurdo mas é o meu
nome
Não me chamo surdo mas aguento fome
Pandeiro não come mas pode apanhar
Ao povo que vive
Na força do som brasileiro
Não é só o surdo
Nem só o pandeiro
Tem uma família sambando legal
Você, cantando, tocando e batendo na
gente
Passando por tudo tão indiferente
Não conhece a dor de um instrumental
Batuqueiro, ê batuqueiro
Cantando o samba pode bater no pandeiro
Batuqueiro, ê batuqueiro

Compositores: Aloissio Silva / Edson
Gomes Da Conceicao

Interpretação de Alcione disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=TnLPDG8ZMA>

Fonte: <https://www.google.com.br/>

ANEXO 2

TEXTO “EXERCÍCIO DA CRÔNICA”, DE VINICIUS DE MORAES

O EXERCÍCIO DA CRÔNICA

Vinicius de Moraes

Escrever prosa é uma arte ingrata. Eu digo prosa fiada, como faz um cronista; não a prosa de um ficcionista, na qual este é levado meio a tapas pelas personagens e situações que, azar dele, criou porque quis. Com um prosador do cotidiano, a coisa fia mais fino. Senta-se ele diante de sua máquina, acende um cigarro, olha através da janela e busca fundo em sua imaginação um fato qualquer, de preferência colhido no noticiário matutino, ou da véspera, em que, com as suas artimanhas peculiares, possa injetar um sangue novo. Se nada houver, resta-lhe o recurso de olhar em torno e esperar que, através de um processo associativo, surja-lhe de repente a crônica, provinda dos fatos e feitos de sua vida emocionalmente despertados pela concentração. Ou então, em última instância, recorrer ao assunto da falta de assunto, já bastante gasto, mas do qual, no ato de escrever, pode surgir o inesperado.

Alguns fazem-no de maneira simples e direta, sem caprichar demais no estilo, mas enfeitando-o aqui e ali desses pequenos achados que são a sua marca registrada e constituem um tópico infalível nas conversas do alheio naquela noite. Outros, de modo lento e elaborado, que o leitor deixa para mais tarde como um convite ao sono: a estes se lê como quem mastiga com prazer grandes bolas de chicletes. Outros, ainda, e constituem a maioria, “tacam peito” na máquina e cumprem o dever cotidiano da crônica com uma espécie de desespero, numa atitude ou-vai-ou-racha. Há os eufóricos, cuja prosa procura sempre infundir vida e alegria em seus leitores e há os tristes, que escrevem com o fito exclusivo de desanimar o gentio não só quanto à vida, como quanto à condição humana e às razões de viver. Há também os modestos, que ocultam cuidadosamente a própria personalidade atrás do que dizem e, em contrapartida, os vaidosos, que castigam no pronome na primeira pessoa e colocam-se geralmente como a personagem principal de todas as situações. Como se diz que é preciso um pouco de tudo para fazer um mundo, todos estes “marginais da imprensa”, por assim dizer, têm o seu papel a cumprir. Uns afagam vaidades, outros, as espicaçam; este é lido por puro deleite, aquele por puro vício. Mas uma coisa é certa: o público não dispensa a crônica, e o cronista afirma-se cada vez mais como o cafezinho quente seguido de um bom cigarro, que tanto prazer dão depois que se come.

Coloque-se porém o leitor, o ingrato leitor, no papel do cronista. Dias há em que, positivamente, a crônica “não baixa”. O cronista levanta-se, senta-se, lava as mãos, levanta-se de novo, chega à janela, dá uma telefonada a um amigo, põe um disco na vitrola, relê crônicas passadas em busca de inspiração – e nada. Ele sabe que o tempo está correndo, que a sua página tem uma hora certa para fechar, que os linotipistas o estão esperando com impaciência, que o diretor do jornal está provavelmente coçando a cabeça e dizendo a seus auxiliares: “É... não há nada a fazer com Fulano...” Aí então é que, se ele é cronista mesmo, ele se pega pela gola e diz: “Vamos, escreve, ó mascarado! Escreve uma crônica sobre esta cadeira que está aí em tua frente! E que ela seja bem-feita e divirta os leitores!” E o negócio sai de qualquer maneira.

O ideal para um cronista é ter sempre uma ou duas crônicas adiantadas. Mas eu conheço muito poucos que o façam. Alguns tentam, quando começam, no afã de dar uma boa impressão ao diretor e ao secretário do jornal. Mas se ele é um verdadeiro cronista, um cronista que se preza, ao fim de duas semanas estará gastando a metade do seu ordenado em mandar sua crônica de táxi – e a verdade é que, em sua inocente maldade, tem um certo prazer em imaginar o suspiro de alívio e a correria que ela causa, quando, tal uma filha desaparecida, chega de volta à casa paterna.

Fonte: MORAES (1998).

ANEXO 3

TEXTO “O FRÍVOLO CRONISTA”, DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

O FRIVOLO CRONISTA *Carlos Drummond de Andrade*

Um leitor de Mato Grosso do Norte escreve deplorando a frivolidade que é marca desta coluna. Hoje não estou para brincadeira, e retruco-lhe nada menos que com a palavra de um sábio antigo, reproduzida por Goethe em *Italianische Reisen*. Vai o título em alemão, para maior força do enunciado. Os que não sabem alemão temos o maior respeito por essa língua. A frase é esta, em português trivial: “Quem não se sentir com tutano suficiente para o necessário e útil, que se reserve em boa hora para o desnecessário e inútil”. É o que faço, respaldado pela sentença de um mestre, endossada por outro.

E vou mais longe. O inútil tem sua forma particular de utilidade. É a pausa, o descanso, o refrigério, no desmedido afã de racionalizar todos os atos de nossa vida (e a do próximo) sob o critério exclusivo de eficiência, produtividade, rentabilidade e tal coisa. Tão compensatória é essa pausa que o inútil acaba por se tornar de maior utilidade, exagero que não hesito em combater, como nocivo ao equilíbrio moral. Não devemos cultivar o ócio ou a frivolidade como valores utilitários de contrapeso, mas pelo simples e puro deleite de fruí-los também como expressões da vida.

No caso mínimo da crônica, o auto-reconhecimento da minha ineficácia social de cronista deixa-me perfeitamente tranqüilo. O jornal não me chamou para esclarecer problemas, orientar leitores, advertir governadores, pressionar o Poder Legislativo, ditar normas aos senhores do mundo.

O jornal sabia-me incompetente para o desempenho destas altas missões. Contratou-me e não vejo erro nisto, por minha incompetência e desembaraço em exercê-la.

De fato, tenho certa prática em frivoleiras matutinas, a serem consumidas com o primeiro café. Este café costuma ser amargo, pois sobre ele desabam todas as aflições de mundo, em 54 páginas ou mais. É preciso que no meio dessa catadupa de desastres venha de roldão alguma coisa insignificante em si, mas que adquira significado pelo contraste com a monstruosidade dos desastres. Pode ser um pé de chinelo, uma pétala de flor, duas conchinhas na praia, o salto de um gafanhoto, uma caricatura, o rebolado do corista, o assobio do rapaz da lavanderia. Pode ser um verso, que não seja épico; uma citação literária, isenta de pedantismo ou fingindo de pedante, mas brincando com a erudição; uma receita de doce incomível, em que figurem *cantábiles* de Haydn misturados com aletria e orvalho da floresta da Tijuca. Pode ser tanta coisa! Sem dosagem certa. Nunca, porém em doses cavalares. Respeitemos e amemos esse nobre animal, evitando o excesso de graça. Até a frivolidade carece ter medida, linha sutil que medeia entre o sorriso e o tédio, pelo excesso de tintas ou pela repetição de efeito.

Não pretendo fazer aqui a apologia do cronista, em proveito próprio. Reivindico apenas o seu direito ao espaço descompromissado, onde o jogo não visa o triunfo, à reputação à medalha; o jogo esgota-se em si, para recomeçar no dia seguinte, sem obrigação de seqüência. A informação apurada, correta, a análise de fenômenos sociais, a avaliação crítica, tarefas essenciais do jornal digno deste nome, não invalidam a presença de um canto de página que tem alguma coisa de ilha visitável, sem acomodações de residência. Como você tem em sua casa, um cômodo ou parte de cômodo, ou simplesmente gaveta, ou, menos ainda, caixa de plástico ou papelão, onde guarda pequeninas coisas sem utilidade aparente, mas em que os dedos e os olhos gostam de reparar, de vez em quando: os nada de uma existência atulhada de objetos imprescindíveis e, ao cabo, indiferentes, quando não fatigantes.

Meu leitor (ou ex-leitor) mato-grossense do norte, não me queira mal porque não alimento a sua fome de conceitos graves, eu que me cansei de gravidade, espontânea ou imposta, e pratico o meu número sem pretensão de contribuir para o restauro do mundo. O sábio citado por Goethe me justifica, absolve e até premia. Eu disse no começo que não estou para brincadeira? Mentira; foi outra frivolidade. *Ciao*.

Fonte: ANDRADE (2014).

ANEXO 4

TEXTO “O MILAGRE DAS FOLHAS”, DE CLARICE LISPECTOR

O MILAGRE DAS FOLHAS

Clarice Lispector

Não, nunca me acontecem milagres. Ouço falar, e às vezes isso me basta como esperança. Mas também me revolta: por que não a mim? Por que só de ouvir falar? Pois já cheguei a ouvir conversas assim, sobre milagres: “Avisou-me que, ao ser dita determinada palavra, um objeto de estimação se quebraria”. Meus objetos se quebram banalmente e pelas mãos das empregadas. Até que fui obrigada a chegar à conclusão de que sou daqueles que rolam pedras durante séculos, e não daqueles para os quais os seixos já vêm prontos, polidos e brancos. Bem que tenho visões fugitivas antes de adormecer – seria milagre? Mas já me foi tranquilamente explicado que isso até nome tem: cidetismo, capacidade de projetar no campo alucinatório as imagens inconscientes.

Milagre, não. Mas as coincidências. Vivo de coincidências, vivo de linhas que incidem uma na outra e se cruzam e no cruzamento formam um leve e instantâneo ponto, tão leve e instantâneo que mais é feito de pudor e segredo: mal eu falasse nele, já estaria falando em nada.

Mas tenho um milagre, sim. O milagre das folhas. Estou andando pela rua e do vento me cai uma folha exatamente nos cabelos. A incidência da linha de milhares de folhas transformadas em uma única, e de milhões de pessoas a incidência de reduzi-las a mim. Isso me acontece tantas vezes que passei a me considerar modestamente a escolhida das folhas. Com gestos furtivos tiro a folha dos cabelos e guardo-a na bolsa, como o mais diminuto diamante. Até que um dia, abrindo a bolsa, encontro entre os objetos a folha seca, engelhada, morta. Jogo-a fora: não me interessa fetiche morto como lembrança. E também porque sei que novas folhas coincidirão comigo. Um dia uma folha me bateu nos cílios. Achei **Deus** de uma grande delicadeza.

Fonte: LISPECTOR (1969)

ANEXO 5

TEXTO “*INFERNO NACIONAL*”, DE SÉRGIO PORTO

INFERNO NACIONAL

Sérgio Porto

A historinha abaixo transcrita surgiu no folclore de Belo Horizonte e foi contada lá, numa versão política. Não é o nosso caso. Vai contada aqui no seu mais puro estilo folclórico, sem maiores rodeios.

Diz que uma vez um camarada que abotoou o paletó. Em vida o falecido foi muito dado à falcatrua, chegou a ser candidato a vereador pelo PTB, foi diretor de instituto de previdência, foi amigo do Tenório, enfim... ao morrer nem conversou: foi direto ao Inferno. Em chegando lá, pediu audiência a Satanás e perguntou:

– Qual é o lance aqui? Satanás explicou que o inferno estava dividido em diversos departamentos, cada um administrado por um país, mas o falecido não precisava ficar no departamento administrado pelo seu país de origem. Podia ficar no departamento do país que escolhesse. Ele agradeceu muito e disse a Satanás que ia dar uma voltinha para escolher o seu departamento.

Está claro que saiu do gabinete do Diabo e foi logo para o departamento dos Estados Unidos, achando que lá devia ser mais organizado o inferninho que lhe caberia para toda a eternidade. Entrou no departamento dos Estados Unidos e perguntou como era o regime ali.

– Quinhentas chibatadas pela manhã, depois passar duas horas num forno de duzentos graus. Na parte da tarde: ficar numa geladeira de cem graus abaixo de zero até as três horas, e voltar ao forno de duzentos graus.

O falecido ficou besta e tratou de cair fora, em busca de um departamento menos rigoroso. Esteve no da Rússia, no do Japão, no da França, mas era tudo a mesma coisa. Foi aí que lhe informaram que tudo era igual: a divisão em departamento era apenas para facilitar o serviço no Inferno, mas em todo lugar o regime era o mesmo: quinhentas chibatadas pela manhã, forno de duzentos graus durante o dia e geladeira de cem graus abaixo de zero, pela tarde.

O falecido já caminhado desconsolado por uma rua infernal, quando viu um departamento escrito na porta: Brasil. E notou que a fila à entrada era maior do que a dos outros departamentos. Pensou com suas chaminhas: “Aqui tem peixe por debaixo do angu”. Entrou na fila e começou a chatear o camarada da frente, perguntando por que a fila era maior e os enfileirados menos tristes. O camarada da frente fingia que não ouvia, mas ele tanto insistiu que o outro, com medo de chamarem atenção, disse baixinho:

– Fica na moita, e não espalha não. O forno daqui está quebrado e a geladeira anda meio enguiçada. Não dá mais de trinta e cinco graus por dia.

– E as quinhentas chibatadas? – perguntou o falecido.

– Ah... O sujeito desse serviço vem aqui de manhã, assina o ponto e cai fora.

Fonte: PONTE PRETA (1998).

ANEXO 6

“EU SEI, MAS NÃO DEVIA”, DE MARINA COLASANTI

EU SEI, MAS NÃO DEVIA

Marina Colasanti

Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia.

A gente se acostuma a morar em apartamentos de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor. E, porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E, porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E, porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E, à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplitude.

A gente se acostuma a acordar de manhã sobressaltado porque está na hora. A tomar o café correndo porque está atrasado. A ler o jornal no ônibus porque não pode perder o tempo da viagem. A comer sanduíche porque não dá para almoçar. A sair do trabalho porque já é noite. A cochilar no ônibus porque está cansado. A deitar cedo e dormir pesado sem ter vivido o dia.

A gente se acostuma a abrir o jornal e a ler sobre a guerra. E, aceitando a guerra, aceita os mortos e que haja números para os mortos. E, aceitando os números, aceita não acreditar nas negociações de paz. E, não acreditando nas negociações de paz, aceita ler todo dia da guerra, dos números, da longa duração.

A gente se acostuma a esperar o dia inteiro e ouvir no telefone: hoje não posso ir. A sorrir para as pessoas sem receber um sorriso de volta. A ser ignorado quando precisava tanto ser visto.

A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o de que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro com que pagar. E a ganhar menos do que precisa. E a fazer fila para pagar. E a pagar mais do que as coisas valem. E a saber que cada vez pagar mais. E a procurar mais trabalho, para ganhar mais dinheiro, para ter com que pagar nas filas em que se cobra.

A gente se acostuma a andar na rua e ver cartazes. A abrir as revistas e ver anúncios. A ligar a televisão e assistir a comerciais. A ir ao cinema e engolir publicidade. A ser instigado, conduzido, desorientado, lançado na infundável catarata dos produtos.

A gente se acostuma à poluição. Às salas fechadas de ar condicionado e cheiro de cigarro. À luz artificial de ligeiro tremor. Ao choque que os olhos levam na luz natural. Às bactérias da água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios. Se acostuma a não ouvir passarinho, a não ter galo de madrugada, a temer a hidrofobia dos cães, a não colher fruta no pé, a não ter sequer uma planta.

A gente se acostuma a coisas demais, para não sofrer. Em doses pequenas, tentando não perceber, vai afastando uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá.

Se o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço.

Se a praia está contaminada, a gente molha só os pés e sua no resto do corpo. Se o trabalho está duro, a gente se consola pensando no fim de semana. E se no fim de semana não há muito o que fazer a gente vai dormir cedo e ainda fica satisfeito porque tem sempre sono atrasado.

A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se de faca e baioneta, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma.

Fonte: COLASANTI (1996).